

A VÉIA DO 51_Parte 1

Passei por uma cirurgia em função de um câncer na próstata, diagnosticado em exame preventivo de rotina que faço há vinte anos. Colocado diante das incertezas da vida, fiz uma prostatectomia radical para eliminar o tumor. Uma evolução da laparoscópica, a cirurgia robótica se apresentou como tratamento que poderia ter uma chance maior de cura e recuperação mais rápida. Trata-se de uma intervenção cirúrgica que faz seis pequenos furos na barriga usando robô, uma versão benigna do vilão Octopus dos quadrinhos do Homem Aranha.

Mesmo assim, apesar de toda a consultoria do meu amigo Gaspar (o gancho que sugeriu foi fundamental para carregar pra lá e pra cá a bolsa coletora de urina) não fui avisado que seria atropelado por um caminhão e ninguém anotaria a placa. Fiz a cirurgia em São Paulo numa bela tarde outonal, no Hospital da Beneficência Portuguesa - a BP, com a equipe do dr. Celso Heitor de Freitas Jr, recomendado pela minha madrinha e médica Fernanda Zuliani.

Um dos meus autores prediletos, Ignácio de Loyola Brandão, muitos anos atrás transformou em livro ("A veia bailarina") sua experiência com um aneurisma no cérebro e descreveu em detalhes sua saga com final feliz, como uma reportagem. Pouparei meus poucos leitores de um livro sobre o assunto (o título "O Pinto Bailarino" não seria nada atraente, aliás esse desapareceu desde a cirurgia e ainda continua retraído), mas experiências como essa marcam indelevelmente a vida humana e não terei como deixar de falar sobre de vez em quando, desde o momento em que adentrei pela primeira vez para tratamento num hospital tão grande quanto a BP. Minhas experiências progressas em cirurgias foram apenas com os pequenos hospitais Regional e o São Joaquim em Franca, além da Santa Casa onde operei da fimose, mas essa é outra história. Começa numa primeira etapa, onde você se cadastra para entrar no hospital, cercado por seguranças de terno. Depois uma catraca libera a entrada no hospital que mais parece um hotel cheio de lojas, tesouraria para pagar, até chegar ao quarto de preparação, essa última etapa acompanhada por um elegante valete cuja função é exclusivamente nos levar labirinto adentro, são várias torres interligadas. Nessa atividade, de cinco em cinco minutos aparecia alguém para perguntar nome, data de nascimento e o nome de minha mãe - acabaram colocando o nome errado dela nas fichas, Helena "Volte" Ferreira, acho que ela daria uns choques em alta voltagem em quem trocou o italiano Volpe.

Deitado numa maca, sendo perguntado de novo e de novo (nome, data de nascimento e nome da mãe), fui transportado por um elevador ao centro cirúrgico num dos pavimentos superiores de uma das várias torres que compõem o complexo BP, que inclui também outras edificações na vizinhança. A sala do centro cirúrgico é enorme, com maquinário, robôs, computadores e luzes que a fazem parecer a cabine de uma nave espacial. Juro que vi o Hall 9000 num canto, mas pode ser efeito da anestesia. Deitado numa maca estreita sobre um colchãozinho macio de guardar ovos, logo fui sedado e desapareci na longa noite do nada. Acordei entrando no quarto onde ficaria por três dias, grogue e perguntando pela placa do caminhão. A cama do hospital tinha comandos eletrônicos nas duas laterais, aquela manivela ao estilo da ligação dos antigos Ford T dos filmes do Gordo e Magro que tinha na memória dessas camas já está no passado.

Localizado em área que faz fundos para a avenida 23 de Maio, uma das lembranças que ficou daqueles dias que não passavam é o ruído, dia e noite sem parar, da circulação de veículos. Mesmo com vidros antirruído, o barulho é contínuo, companheiro de algumas noites meio fora do ar pela quantidade de remédios, sonado e acordado a todo momento pela entrada e saída da equipe de enfermagem perguntando nome, data de nascimento e nome da mãe, além de injeções na veia. Logo na primeira noite, a porta do quarto se abriu e entrou um rapaz sério, de terno preto, calça colada como do Dória. Pensei: é um pastor, devo estar mal. Engano, era um dos médicos da equipe do dr. Celso, compenetrado, preocupado com o pós-operatório do paciente. Descobri que agora muitos jovens médicos andam assim, sem jaleco, é o "estilo americano".

Sim, sempre me disseram que comida de hospital é ruim. Mas conheci pela primeira vez um purê de nada, impossível distinguir do que era feito. Um mistério da culinária nacional. Pior, chegou frio. Deveria disputar um desses programas de culinária que abundam na TV.

O tempo colocado em suspenso me fez analisar a complexidade da arquitetura hospitalar e de sua gestão. Fluxos de pessoas externas, das equipes médicas, as diferentes especialidades, limpeza, desinfecção, alimentação. O andar onde fiquei tinha uma espécie de larga avenida por onde circulavam carrinhos barulhentos, uns maiores, outros menores, com o lixo hospitalar e o não hospitalar, macas levando

pacientes para exames ou cirurgias, carrinhos com a alimentação individualizada para cada paciente. No segundo dia, consegui caminhar um pouco pelo corredor, ainda atrapalhado com o saco de mijo. Caminhei uma primeira vez do quarto até o final do corredor, onde me deparei com elevadores e uma bela surpresa, um grande vitrô se abria para o antigo vale do córrego do Itooró, hoje enterrado sob a avenida 23 de Maio. Do outro lado, sob o céu azul vi a torre de tijolos vermelhos da igreja de Santo Agostinho no alto da Rua Apeninos onde morei quando tentei fazer cursinho em São Paulo. O panorama ao fundo é aquela cidade dos cartões postais, uma profusão de grandes edifícios encimada pela torre do antigo “Banespão” no centro velho. Nesse lento ir e vir empurrando o pedestal com soro e tudo, alguém começa a gritar ao fundo para abrir passagem, entrei num vão lateral quando passou em alta velocidade uma maca empurrada por quatro enfermeiras, era alguma emergência. Seria o cúmulo ser atropelado de novo, agora por uma maca também sem placa. (continua)

Mauro Ferreira é arquiteto